



UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PORTO NACIONAL
CURSO DE HISTÓRIA

AYRANA GOMES FERREIRA

**DISSEMINAÇÃO DO DISCURSO DE ÓDIO EM
PLATAFORMAS DIGITAIS:
ANÁLISE NETNOGRÁFICA DA GORDOFOBIA**

PORTO NACIONAL - TO
2023

AYRANA GOMES FERREIRA

**DISSEMINAÇÃO DO DISCURSO DE ÓDIO EM
PLATAFORMAS DIGITAIS:
ANÁLISE NETNOGRÁFICA DA GORDOFOBIA**

Artigo apresentado à UFT – Universidade Federal do Tocantins – Campus Universitário de Porto Nacional para obtenção de título de Licenciada em História, sob a orientação do Prof. Dr. George Leonardo Seabra Coelho.

PORTO NACIONAL - TO
2023

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins

F383d Ferreira, Ayrana Gomes.

Disseminação do discurso de ódio em plataformas digitais: análise netnográfica da gordofobia. / Ayrana Gomes Ferreira. – Porto Nacional, TO, 2023.

35 f.

Artigo de Graduação - Universidade Federal do Tocantins – Câmpus Universitário de Porto Nacional - Curso de História, 2023.

Orientador: George Leonardo Seabra Coelho

1. Gordofobia. 2. Discurso de ódio. 3. Cultura digital. 4. Ensino de História.
I. Título

CDD 901

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

FOLHA DE APROVAÇÃO

AYRANA GOMES FERREIRA

DISSEMINAÇÃO DO DISCURSO DE ÓDIO EM PLATAFORMAS DIGITAIS: ANÁLISE NETNOGRÁFICA DA GORDOFOBIA

Artigo foi avaliado e apresentado à UFT – Universidade Federal do Tocantins – Campus Universitário de Porto Nacional, Curso de História para obtenção do título de licenciada e aprovada em sua forma final pelo Orientador e pela Banca Examinadora.

Data de aprovação: 30/11/2023

Banca Examinadora

Prof. Dr. George Leonardo Seabra Coelho, UFT

Prof. Dr. Marcelo Santos Rodrigues, UFT

Prof. Dr. Marcelo Santos Rodrigues, UFT

Dedico este trabalho a minha melhor amiga e irmã, Juliana da Costa Moreira, (in memoriam). Akira, que iluminou minha vida.

AGRADECIMENTOS

Grata ao Grande Arquiteto do Universo por me manter firme, a Nossa Senhora do Perpétuo Socorro por nunca deixar de ser meu colo e amparo, aos espíritos amigos que me guiam nesta jornada chamada vida.

Reconhecer e vibrar vitórias tem sido um aprendizado diário, e eu não poderia estar mais feliz e grata com a realização deste trabalho, agradeço eu mesma por nunca ter desistido! A minha mãe Anadir Gomes do Nascimento, e irmãos Bárbara Gomes Ferreira e Breno Airton Gomes Ferreira por serem meu alicerce e amparo nos dias de bonança e nos tempestuosos. Ao meu padrasto, Levy da Costa Neres que nunca mediu esforços com seus cuidados e apoio.

A minha companheira de vida Wanessa da Silva Leite, toda minha gratidão por todo apoio e incentivo SEMPRE!

À Universidade Federal do Tocantins – Campus de Porto Nacional, que me possibilitou ampliar os horizontes com a pesquisa, o ensino e a extensão. Destaco meu agradecimento aos programas PIBIC, Monitoria PIIP e Residência Pedagógica nos quais pude ter experiências únicas.

Aos docentes do curso de licenciatura em História, que nunca esconderam dos discentes os espinhos que iremos encontrar durante a caminhada na educação, mas sempre deram ênfase na beleza das rosas.

Agradeço todo apoio e orientação que recebi até aqui por parte do Prof. Dr. George Leonardo Seabra Coelho, sempre atento e zeloso.

Aos meus amigos, Deocleciano Vieira, Geovanna Rodrigues, Larissa Oliveira, Pedro Lucas Carvalho, Sara Nunes e demais colegas que fizeram a vivência da Universidade Federal ser mais leve e proveitosa, sempre presentes e dispostos.

RESUMO

A crescente influência das mídias digitais em nossas vidas coloca as questões cotidianas no centro dos discursos *online*, dessa forma, o presente trabalho foi desenvolvido com o objetivo de apresentar uma análise do discurso de ódio utilizando como metodologia a netnografia, afim de mapear as dinâmicas nos processos de comunicação entre os seguidores e não seguidores das plataformas digitais analisando os padrões de comportamento dos usuários envolvidos nesse discurso, identificando estratégias adotadas e entendendo o impacto sobre a inclusão das vítimas. Utilizando uma abordagem netnográfica, foram observadas interações *online*, como comentários, postagens e discussões em fóruns específicos, buscando compreender a dinâmica social e cultural que alimenta a gordofobia digital. A pesquisa também investigou as políticas de moderação das plataformas e seu papel na contenção desse discurso prejudicial, bem como analisou o equilíbrio entre a liberdade de expressão e a segurança online. Os resultados obtidos demonstram a presença ubíqua das mídias digitais em nossa vida cotidiana e sua influência na amplificação de questões rotineiras, incluindo o discurso de ódio. Observamos que a utilização da netnografia na pesquisa científica é uma ferramenta valiosa para a compreensão dessa problemática. Além disso, este estudo destaca que o debate sobre o discurso de ódio não está confinado apenas ao campo jurídico, mas também é uma questão relevante na historiografia, mostrando caminhos para que tais temas sejam esmiuçados em sala de aula de acordo com Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

Palavras-chave: Gordofobia. Discurso de ódio. Cultura digital. Ensino de História.

ABSTRACT

The growing influence of digital media in our lives puts everyday issues at the center of online discourse, so this work was developed with the aim of presenting an analysis of hate speech using netnography as a methodology, in order to map the dynamics in the communication processes between followers and non-followers of digital platforms, analyzing the behavior patterns of users involved in this discourse, identifying strategies adopted and understanding the impact on the inclusion of victims. Using a netnographic approach, online interactions were observed, such as comments, posts and discussions in specific forums, seeking to understand the social and cultural dynamics that fuel digital fatphobia. The research also investigated the platforms' moderation policies and their role in containing this harmful discourse, as well as analyzing the balance between freedom of expression and online safety. The results obtained demonstrate the ubiquitous presence of digital media in our daily lives and their influence in amplifying routine issues, including hate speech. We observed that the use of netnography in scientific research is a valuable tool for understanding this issue. In addition, this study highlights that the debate on hate speech is not confined to the legal field alone, but is also a relevant issue in historiography, showing ways in which such issues can be scrutinized in the classroom in accordance with the Common National Curriculum Base (BNCC).

Keywords: Fatphobia. Hate speech. Digital culture. History teaching.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1	24
FIGURA 2	25
FIGURA 3	26
FIGURA 4	27

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1	28
QUADRO 2	31

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	11
2	A NETNOGRAFIA.....	15
3	CORPO, ESTÉTICA E MULHER.....	18
4	MOVIMENTO CORPO LIVRE, ANÁLISES E DISCUSSÕES.....	22
5	ENSINO DE HISTÓRIA E A GORDOFOBIA.....	29
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	32
	REFERÊNCIAS.....	33

1 INTRODUÇÃO

Desde tempos imemoriais, a espécie *Homo sapiens* tem demonstrado sua habilidade contínua em reinventar seus meios de comunicação. Essa trajetória abrange uma diversidade de formas de interação, incluindo a comunicação por meio de gestos, a expressão pictórica nas pinturas rupestres, a captação e interpretação de sinais, o desenvolvimento da fala e da escrita, o advento dos jornais, a divulgação do rádio e a proteção da televisão. Entretanto, apenas no ano de 1876, Alexander Graham Bell – um cientista norte-americano de origem escocesa – logrou uma inovação notável ao conceber o telefone, um sistema de telecomunicações inovador que permitia a transmissão de som por meio de sinais nas redes elétricas de telefonia. A década de 1970 marcou um momento seminal com a criação dos primeiros computadores pessoais, os quais desempenharam um papel precursor no que atualmente denominamos de revolução da comunicação, exemplificada pelas mídias digitais (MATTOS, 2013).

É inegável que o mais rápido meio de comunicação e difusão de ideias na contemporaneidade são feitas pelas redes sociais digitais, entre elas, *Instagram* e *FaceBook*, onde vemos a proliferação do discurso de ódio, que de acordo com Potiguar (2009):

Ele é o discurso que exprime uma ideia de ódio, desprezo ou intolerância contra determinados grupos, menosprezando-os, desqualificando-os ou inferiorizando-os pelo simples fato de pertencerem àquele determinado grupo, motivado por preconceitos ligados à etnia, religião, gênero, deficiência, orientação sexual, nacionalidade, naturalidade, dentre outros (POTIGUAR, 2009, p. 11).

Quando um discurso é só um discurso, e quando ele se torna um discurso de ódio?

Para o filósofo Michel Foucault (2008, p. 183),

Chamaremos de discurso um conjunto de enunciados, na medida em que se apoiem na mesma formação discursiva; [...] O discurso, assim entendido, não é uma forma ideal e intemporal que teria, além do mais, uma história; o problema não consiste em saber como e por que ele pôde emergir e tomar corpo num determinado ponto do tempo; é, de parte a parte, histórico - fragmento de história, unidade e descontinuidade na própria história, que coloca o problema de seus próprios limites, de seus cortes, de suas transformações, dos modos específicos de sua temporalidade, e não de seu surgimento abrupto em meio às cumplicidades do tempo.

Segundo Moura (2016), a grande preocupação frente aos discursos de ódio na *Internet* é quando ele sai do ciberespaço e adentra – mesmo que de maneira sutil – os diversos espaços sociais, entre elas, a escola, o trabalho, isto é, a vida social fora da

Internet. Para o autor,

o discurso de ódio é um fenômeno social e midiático que se tornou um problema de “segurança pública” para os Estados.” O autor também ressalta o seguinte: “Por meio da rede os indivíduos cometem ilícitos, propagam mensagens de conteúdo violento, podendo assim, violar os direitos dos demais usuários. Essa questão factual não é exatamente nova, porém na rede adquire propagação abstrata e intensificada, podendo transformar uma mensagem publicada em rede social mediada por computadores (*Facebook, Twitter, etc.*) em preocupante campanha de incentivo à intolerância. Inicialmente criadas com intuito comercial e publicitário, as redes sociais (*Facebook, Twitter, etc*) logo se tornaram espaço de sociabilidade e aproximação de sujeitos, dado sua capacidade de conexão imediata, entretanto, paulatinamente foram também se transformando em veículos facilitadores para a propagação e expansão de um chamado “discurso de ódio” (MOURA, 2016, p. 2).

Já Brugger (2007), o discurso de ódio ultrapassa as barreiras da liberdade de expressão e invade o espaço de direitos civis de outros indivíduos. Para este autor, de “acordo com a maioria das definições, o discurso de ódio refere-se a palavras que tendem a insultar, intimidar ou assediar pessoas em virtude de sua raça, cor, etnicidade, nacionalidade, sexo ou religião, ou que têm a capacidade de instigar violência, ódio ou discriminação contra tais pessoas” (BRUGGER, 2007, p. 118). A liberdade de expressão só vai até que você adentre o espaço do outro. Mas afinal, o que é liberdade de expressão?

No Brasil, o conceito “liberdade de expressão” é um dos pilares da democracia, já que é a partir dessa premissa que ocorre o afastamento da ideia de censura, isto é, a base de governos autoritários. A liberdade de expressão é uma conquista legislativa de toda a humanidade, pois é ela que apoia os direitos fundamentais das pessoas. A ideia de manifestação de pensamentos livres é parte das legislações da Organização das Nações Unidas (ONU). De acordo com a Declaração Universal dos Direitos Humanos¹ da ONU, que é o documento responsável por nortear e garantir direitos de liberdades fundamentais para todos, seu artigo 19º afirma:

Todo indivíduo tem direito à liberdade de opinião e de expressão, o que implica o direito de não ser inquietado pelas suas opiniões e o de procurar, receber e difundir, sem consideração de fronteiras, informações e ideias por qualquer meio de expressão (ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS, **Declaração dos Direitos Humanos**, 1948).²

Como visto, a liberdade de expressão é um requisito fundamental para que cada um se expresse e manifeste seus pontos de vista levando em consideração a pluralidade de posicionamentos nas diversas vertentes sociais, e é uma condição prioritária para o

¹ <https://www.unicef.org/brazil/declaracao-universal-dos-direitos-humanos>

² <https://www.unicef.org/brazil/declaracao-universal-dos-direitos-humanos>

exercício da cidadania.

Temos que a *Internet*, como popularmente se diz, não é “terra sem lei” já que existe um código de leis específicas que regem o mundo real e cuidam da parte da responsabilização do indivíduo por crimes cometidos por ele nas redes sociais. O Marco Civil da *Internet*³ instituído pela Lei nº 12.965, de 23 de abril de 2014, possui como objetivo estabelecer princípios, garantias, direitos e deveres para seu uso no Brasil, bem como regular como se daria nesse contexto a atuação da União, dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios.

Com os relatórios realizados pela *ONG Artigo 19*⁴ é possível ter acesso à medição referente a liberdade de expressão nos países. No Relatório publicado em 2020, a pesquisa confirmou que desde 2015 o Brasil se tornou uma democracia em crise. De acordo com esse estudo, a pontuação brasileira no último relatório foi de 52 – dentro de uma pontuação que vai de 0 até 100 – sendo caracterizada como sua pior nota desde 2010, ano no qual a medição começou a ser feita. Números assim colocaram o Brasil em 86º lugar dentre os 161 países analisados, se tornando a nação latino-americana que mais retrocedeu nesse quesito nos últimos 10 anos (*The Global Expression Report*, 2021).

Os ataques provenientes dos discursos de ódio podem ser raciais, de gênero, nacionalidade (xenofóbicos), sexualidade e/ou religião. E é neste contexto que esta proposta de trabalho de conclusão de curso se insere. O objetivo é desenvolver um debate no meio acadêmico que traga um projeto/proposta utilizando as mídias digitais como base para iniciar o diálogo com o tema: discurso de ódio na *Internet* disseminado por meio de aplicativos e plataformas de comunicação.

Diante disso, é possível analisar que as mesmas redes sociais digitais que proporcionam a aproximação das pessoas, podem causar danos muitas vezes irreversíveis quando a liberdade de expressão se confunde com o discurso de ódio. Essas mesmas redes sociais digitais facilitam a propagação de *Fake News* e abusos, também é a mesma rede que dificulta a identificação de usuários e a eficácia da punição aplicada por crimes cometidos por meio dela. Surge então o Projeto de Lei nº 7.582/2014 lei que define crimes de ódio e intolerância criando meios para que quem cometa crimes de discurso de ódio e intolerância de qualquer caráter e que sejam responsabilizados.

Com base nesses apontamentos iniciais, a problemática desta pesquisa parte da

³ <https://www.aurum.com.br/blog/marco-civil-da-internet/>

⁴ <https://artigo19.org/2023/08/30/artigo-19-lanca-relatorio-lai-2023-com-foco-no-direito-a-memoria-e-verdade/>

análise sócio-histórica para orientar a seguinte questão: Como a propagação dos discursos de ódio gordofóbico se estabelece nas redes sociais digitais? E, ainda, como o ensino de História poderia abordar estas questões? Através de diálogos a serem realizados durante o desenvolvimento do projeto, apresentaremos propostas para promover a democratização da discussão sobre o discurso de ódio nas redes, assim como a educação pode estar inserida para combater os discursos gordofóbicos.

2 A NETNOGRAFIA

A etnografia é um termo complexo que pode ter diferentes interpretações dependendo da área de estudo (como Antropologia, Comunicação, Educação, História, Geografia, Linguística) e do pesquisador que o utiliza (POLIVANOV, 2014). Nessa perspectiva, Geertz (1978) *apud* Polivanov (2014), apresenta que o objetivo principal da etnografia é criar descrições detalhadas das práticas sociais de indivíduos ou grupos, com o propósito de entender diferentes aspectos culturais. O papel do etnógrafo vai além de apenas relatar eventos e experiências, é também explicar como essas experiências e dinâmicas sociais constroem significados complexos.

Vale acrescentar que por mais que se entenda o ciberespaço como um lugar, diversos autores defendem o uso de terminologias diferentes, como “etnografia virtual” e “netnografia”, para demarcar as especificidades das pesquisas realizadas em ambientes digitais em relação às pesquisas etnográficas tradicionais. Embora preservem as características centrais do método etnográfico, essas pesquisas não podem ser simplesmente transferidas do meio offline para o online (AMARAL, NATAL E VIANA, 2008 *apud* POLIVANOV, 2014).

Ao pensarmos na Netnografia⁵, de acordo com Silva (2015), nos apresenta que ela é uma forma especializada de etnografia que utiliza comunicações mediadas por computador como fonte de dados para compreender e representar fenômenos culturais na *Internet*. Sua abordagem é adaptada para estudar fóruns, grupos de notícias, *blogs*, redes sociais, entre outros. Segundo Kozinets (2002) *apud* Rocha e Montardo (2005), a netnografia é um método de pesquisa derivado da técnica etnográfica, amplamente utilizado por pesquisadores nas áreas de comunicação, marketing, antropologia e sociologia.

É considerado um método em crescimento devido à complexidade das experiências na sociedade digital. Muitos sites descrevem a netnografia como o monitoramento de comunidades online para entender os hábitos de consumo.

Os instrumentos de pesquisa incluem *cyber* entrevistas, *e-mails*, postagens em fóruns e páginas pessoais (KOZINETS, 2002 *apud* ROCHA E MONTARDO, 2005). Antes de entrar em contato com uma comunidade *online*, o netnógrafo precisa tomar

⁵“uma nova metodologia de pesquisa qualitativa que adapta técnicas da pesquisa etnográfica para o estudo de culturas e comunidades emergindo através das comunicações mediadas por computador” (KOZINETS, 2002 *apud* POLIVANOV, 2014, p. 67).

importantes decisões. Isso inclui definir questões e temas, formular a pergunta de pesquisa e preparar-se para o trabalho de campo, como identificar a comunidade *online* ou grupo a ser pesquisado. É necessário investigar as formas de interação social e comunidades por meio de mecanismos de busca e outros meios, além de reconhecer o campo e a postura do pesquisador (SILVA, 2015).

Ao pensarmos na pesquisa etnográfica no Brasil, é necessário citar o estudo realizado pela pesquisadora Simone Pereira de Sá (2001), cujo texto “Netnografias nas redes digitais” enfatiza uma metodologia focal, experimental, detalhista e interpretativa. A pesquisa é baseada em uma negociação construtiva entre o pesquisador e o pesquisado, permeada por sentimentos, emoções, afetos, surpresas e incertezas durante eventos como encontros, festas, ensaios de quadra e desfiles de Carnaval. A pesquisadora realiza o monitoramento de *sites* relacionados à comunidade carnavalesca, o objeto de sua pesquisa e local de observação (ROCHA E MONTARDO, 2005).

De acordo com Silva (2015), o autor Kozinets (2014) discute normas, avaliação e netnografia, destacando a importância de compreender os padrões históricos que influenciaram a qualidade da etnografia. Ele identifica oito momentos históricos que continuam a influenciar a atualidade, visando fornecer uma compreensão das expectativas em relação à netnografia, sendo os momentos históricos: “tradicional, modernista, gêneros indistintos, crise da representação, pós-moderno, pós-experimental e o presente metodologicamente impugnado” (KOZINETTS, 2014 *apud* SILVA, 2015, p. 341).

Em relação à escolha do método etnográfico é possível utilizar as ideias de Augé (1994) que apresenta que a antropologia deve estudar a contemporaneidade também, é nessa perspectiva Rocha e Montardo (2005, p. 11) afirma que:

É pertinente compreender que e passa por um período de transição da modernidade para a pós-modernidade, e considerar os indicativos de tal mudança. Na (re)formulação das variáveis contemporâneas, se manifestam as cristalizações sociais, tecnológicas, políticas e econômicas, que constituem as formas “formantes” que influenciam o fundo e o imaginário da atualidade. Os usuários dos não-lugares estão produzindo e sendo alimentados pelo imaginário da cibercultura (ROCHA e MONTARDO, 2005, p. 11).

A netnografia permite, então, reduzir as barreiras de tempo e espaço ao estudar os grupos sociais conectados na *Internet*. Esses grupos podem existir tanto online quanto offline, e a abordagem etnográfica possibilita uma investigação detalhada e observacional desses fenômenos (SILVA, 2005). Se faz necessário acrescentar que, a netnografia desempenha um papel crucial no estudo da estética do corpo da mulher gorda na *Internet*.

Ao analisar as interações e representações *online*, é possível compreender como as mulheres gordas são retratadas, como se relacionam com sua imagem corporal e como constroem sua identidade. Isso contribui para a desconstrução de estereótipos e preconceitos, promovendo uma maior inclusão e aceitação da diversidade corporal.

3 CORPO, ESTÉTICA E MULHER

Faz-se necessária uma abordagem prévia referente ao que consiste no que é corpo, mulher e estética. Os estudos sobre o físico humano na atualidade se iniciaram após a proposta apresentada por Merleau-Ponty (2008), em que afirmava que para diversos pensadores do século XIX, o corpo era um mero pedaço de matéria, um feixe de mecanismos, porém, no século XX foi restaurado a compreensão da carne, do corpo como algo animado (MERLEAU-PONTY, 2008 *in* LEMOS; OLIVEIRA; MEIHY, 2015). Após isso, as metamorfoses corporais ao longo da história são um campo importante para reflexões interdisciplinares e para entender melhor a sociedade (LEMOS; OLIVEIRA; MEIHY, 2015).

O corpo tem sido objeto de estudo em diversas áreas, como biologia, antropologia e sociologia, além de ser explorado esteticamente e politicamente. A arte também oferece visões sugestivas que podem ser analisadas tanto esteticamente quanto academicamente, sem restrições filosóficas ou fenomenológicas (PAREYSON, 1984 *in* LEMOS; OLIVEIRA; MEIHY, 2015).

As artes plásticas são uma fonte valiosa para estudar a reinvenção social do corpo humano, seja na escultura, pintura, fotografia ou cinema. Especialmente na modernidade, as manifestações pictóricas moldaram padrões que refletiam o corpo feminino como um protótipo a ser seguido. No entanto, há aspectos pouco explorados sobre a mulher como modelo de atenção, como a dessacralização ou erotização feminina e a conexão das mulheres com outras formas de arte. É importante considerar que, em sua maioria, os artistas que retratam o corpo feminino são homens (LEMOS; OLIVEIRA; MEIHY, 2015).

A discussão sobre a beleza e suas variações revela transformações culturais ao longo do tempo, onde certas figuras artísticas são consagradas e filtram a presença do corpo conforme os padrões desejados. Algumas obras se destacam como marcos de mudança, enquanto outras seguem variações pequenas sobre o gênero. A arte alimenta tradições e também propõe modelos revolucionários ou viradas estéticas. A escultura em pedra foi a primeira forma artística a retratar a mulher, especialmente através das figuras conhecidas como *Vênus*, como as de *Willendorf*, *Lespugue* e *Laussel*, com mais de 20 mil anos. Essas representações vinculavam o feminino ao conceito de beleza e à reprodução da espécie. O reconhecimento dessas obras levanta questões provocativas sobre o controle masculino e o exercício do poder, inclusive no campo das artes, onde a estetização pode

ser vista como um mecanismo de dominação significativo (LEMOS; OLIVEIRA; MEIHY, 2015).

No passado, mulheres com seios grandes e quadris largos eram consideradas esteticamente atraentes devido ao seu papel social como mães. A abundância de gordura era associada à fertilidade e à função materna. Somente mais tarde, a obesidade passou a ser relacionada a problemas de saúde e questões sociais negativas (PERROT, 1998 *in* LEMOS; OLIVEIRA; MEIHY, 2015). Ao longo dos séculos, demorou para que a demonização da mulher fosse refletida nas artes. Houve uma transição da valorização da mulher como mãe para a imposição do padrão magro como sinônimo de beleza (LEMOS; OLIVEIRA; MEIHY, 2015).

O corpo, em suas diferentes formas de representação, transcende o conceito de beleza e se torna objeto de análise não apenas pela crítica de arte. O corpo “anormal”, “diferente” ou “deformado”, como o corpo “*ordo*”, questiona o padrão ideal e cultivado pelas sociedades, com raízes históricas eugênicas. Apesar das variações e contradições, o diálogo sobre a beleza da mulher em qualquer condição permanece constante (LEMOS; OLIVEIRA; MEIHY, 2015).

Eco (2007) propõe três tipos de feiura: a feiura “em si”, que está ligada a algo não saudável e provoca repulsa, como um corpo em decomposição; a feiura “formal”, que envolve deformidades físicas, cicatrizes ou malformações; e a feiura resultante da combinação estética dos dois casos anteriores, reinterpretada artisticamente e propõe uma nova realidade estética (ECO, 2007 *in* LEMOS; OLIVEIRA; MEIHY, 2015).

Durante o Renascimento, Leonardo Da Vinci e outros pintores retrataram as Madonnas como um símbolo de uma nova era, representando a figura feminina e os nascimentos. Essas representações da Virgem Maria amamentando ou acariciando o filho refletiam a ideia de uma mãe saudável e bela. No entanto, a repetição excessiva desses temas religiosos acabou esgotando o significado religioso da arte, transformando-a em mercadoria. Da Vinci se destacou como um dos principais representantes dessa tendência, criando Madonnas com uma estética equilibrada e simétrica (LEMOS; OLIVEIRA; MEIHY, 2015).

Outro pintor a ser destacado foi Petrus Rubens, que ao retratar a maternidade, trouxe para sua própria vida os elementos sagrados da tradição renascentista. Além de pintar temas bíblicos e mitológicos, ele também representou cenas do cotidiano, incluindo mulheres gordas. Sua esposa, Helena Fourment, foi retratada várias vezes como mãe, fora

do contexto sagrado. Vale destacar que Rubens valorizava a obesidade como sinônimo de saúde e beleza (LEMOS; OLIVEIRA; MEIHY, 2015).

No século XVIII, houve uma mudança gradual e silenciosa na concepção de beleza em relação à obesidade. Sob as influências da época, as formas femininas passaram a ser padronizadas de maneira menos abundante, afastando-se do foco na maternidade. A gravidez deixou de ser vista como sagrada ou profana, dando lugar a um novo papel para as mulheres. A partir do século XVII francês, as mulheres passaram a evidenciar cinturas finas e gestos elegantes através do uso de espartilhos, perucas, adornos pessoais e roupas luxuosas (LEMOS; OLIVEIRA; MEIHY, 2015).

As pinturas do período das Luzes retratavam mulheres mais contidas, com expressões de conhecimento e elegância em vez de santidade ou sensualidade. Além da moda, as mulheres também eram reconhecidas por sua postura alinhada aos valores da Ilustração, muitas vezes retratadas segurando livros, instrumentos musicais e objetos científicos. A obesidade deixou de ser considerada esteticamente atraente, exceto nos homens. O Iluminismo marcou uma mudança significativa na história da concepção de feiura. Além disso, os autores e pintores da época ganharam mais reconhecimento por suas obras e referências ao mundo intelectual do que pelo seu nome (LEMOS; OLIVEIRA; MEIHY, 2015).

No movimento romântico, houve uma reação ambígua em relação à representação das mulheres gordas. Enquanto outros pintores retratavam mulheres gordas com certa frequência, combinadas com aquelas modeladas por espartilhos, o movimento romântico optou por “silenciar” as consideradas feias e cultivar a representação de mulheres gordas bonitas. Um pintor em particular captou o tema das mulheres obesas e as tornou aceitáveis conforme o gosto burguês. Essa fase, conhecida como a quarta fase das metamorfoses corpóreas das mulheres, embelezou as mulheres gordas ao colocá-las em espaços naturais, como banhos e piqueniques, cuidando de sua própria formosura (LEMOS; OLIVEIRA; MEIHY, 2015).

Voltando às ideias de Eco (2007) *apud* Lemos; Oliveira; Meihy (2015), uma alternativa estética ao falar sobre a fealdade, combinando a estetização da feiura em si e a abordagem formal. Ele aponta para uma saída relacionada à estetização que permite um aspecto lúdico.

A representação histórica da arte do corpo feminino gordo, juntamente com o início da crítica ao corpo gordo, desempenhou um papel importante na construção e enraizamento da gordofobia na contemporaneidade. Ao longo dos séculos, a gordura

foi associada a estereótipos negativos, como falta de autocontrole, preguiça e falta de beleza. Essas representações e críticas contribuíram para a marginalização e discriminação das pessoas gordas na sociedade, levando ao desenvolvimento e perpetuação da gordofobia como uma forma de preconceito e discriminação sistêmica.

O uso das mídias digitais com objetivo de promover a visibilidade de corpos gordos é um fenômeno novo, que requer cautela no momento de análise. Faz-se necessária à sua abordagem não apenas no contexto virtual, como também no âmbito jurídico e acadêmico.

4 MOVIMENTO CORPO LIVRE, ANÁLISES E DISCUSSÕES

O presente artigo surge da necessidade de diálogo dentro do campo acadêmico das licenciaturas sobre o uso das mídias sociais digitais e seus impactos na vida em sociedade, particularmente o discurso de ódio voltado para a gordofobia. De acordo com a pesquisadora, ativista e jornalista Agnes Arruda (2022), a gordofobia é um preconceito contra pessoas gordas geralmente associado à questão estética, mas é mais profundo do que isso. Ela retroage em vários ambientes, segregado do convívio social, familiar, mercado de trabalho, limitando a vida da pessoa (GARCIA; VIDICA; BRITO, 2022). A autora afirma, ainda, que se trata de um preconceito institucionalizado, visto que faz parte da socialização, da família, da escola, do Estado, da Igreja e, sobretudo, das mídias sociais digitais.

Na atualidade, as redes sociais digitais operam e são operadas configurando-se como espaços de conhecimento e divulgação de ideias. Por isso, elas representam uma pedagogia cultural e produzem, dessa forma, novos modos e estilos de viver em sociedade. Nas plataformas digitais, tem-se certa naturalização de temas como gordofobia, racismo, antissemitismo, xenofobia, homofobia, entre outros. Nelas também são produzidos significados imbricados em relações de poder. Nesse sentido, para fins de realização desta pesquisa, se fará o uso da metodologia da netnografia, com o objetivo de mapear as dinâmicas nos processos de comunicação entre os seguidores e não seguidores das plataformas digitais.

Segundo Silva (2015), a netnografia pode ser definida como: uma forma especializada de etnografia e utiliza comunicações mediadas por computador como fonte de dados para chegar à compreensão e à representação etnográfica de um fenômeno cultural na *Internet*. Sua abordagem é adaptada para estudar fóruns, grupos de notícias, *blogs*, redes sociais etc. Além dos autores acima referidos, é fundamental também a contribuição de especialistas como Giroux (1997), Kozinets (2014) e Foucault (1993; 2008).

Investigação dos discursos de ódio disseminados em plataformas digitais com ênfase no preconceito da gordofobia e seus impactos no espaço escolar e social. Para tanto, foi realizada a análise de dados na plataforma digital (*Instagram*). Durante a pesquisa, fez-se necessária a delimitação aos comentários nas imagens analisadas da

página de fortalecimento identitário de corpos “Movimento Corpo Livre⁶” do *Instagram* que tem atualmente 518 mil seguidores.

A página “Movimento Corpo Livre” não diz apenas sobre a estética do corpo, mas de toda concepção que envolve ser um corpo, principalmente um corpo feminino, que é tão visado com estereótipos e preestabelecimentos de padrões fortalecidos pelo machismo enraizado e estruturado na nossa sociedade. “Movimento Corpo Livre” trata-se também de falar sobre como os corpos têm o direito de serem quem são e que podem estar e interagir no espaço que desejarem.

A mesma traz diálogos entre o empoderamento do corpo gordo não romantizado e as dificuldades de se viver em uma sociedade gordofobia. Além disso, a análise netnográfica do presente artigo foi voltada para o empoderamento feminino gordo, enquanto nossa bibliografia foi voltada para identificar como o discurso de ódio acontece nas mídias sociais principalmente voltados para a gordofobia.

As imagens analisadas são de publicações inteiramente voltadas ao fortalecimento identitário de corpos gordos, empoderamento, apreço pela autoestima de mulheres que participam da *#GaleriaCorpoLivre*. Como visto, as mulheres postam suas fotos com a *hashtag* e a página seleciona essas fotos e adicional ao rolo de fotos publicadas na página Perfil: “Movimento Corpo Livre”.

São mulheres desnudando a gordofobia e reagindo ao preconceito com maestria, deixando explícito que se sentem bem com o corpo que tem. O fato de serem gordas não as limita e principalmente, que todas as mulheres que independente do peso que tenham podem e devem promover a beleza que possuem.

Marcas famosas utilizam o *Instagram* para a promoção de bens de consumo em corpos padronizados, porque não utilizar a mesma plataforma para dar visibilidade a corpos reais, gordos.

Isso possibilita o reconhecimento de outras mulheres como agentes de sua própria história, o empoderamento pode trazer mudanças no cenário e possibilitar mudanças como: mulheres não padronizadas protagonizando propagandas, visibilidade para mulheres reais.

⁶ <https://www.instagram.com/movimentocorpolive/>

FIGURA 1 – Empoderamento Nu



Fonte: “@movimentocorpolivre” (2023)⁷

O corpo gordo é visto como não digno de liberdade. Liberdade de usar roupas que desejam deixar o corpo a mostra, como se corpos gordos tivessem que ser escondidos pela gordura ser uma afronta contra a padronização estimulada socio culturalmente.

A *#GaleriaCorpoLivre* trazer uma mulher gorda, negra e nua é uma visibilidade ímpar, o empoderamento que esta publicação trás não só para quem está na imagem, mas também por outras mulheres que encontram nessa página um lugar onde podem ser elas mesmas e se encontrar com mulheres que passam pelas mesmas situações. É uma imagem que chega a transmitir o íntimo da mulher fotografada, nua, despida de conceitos e pré-conceitos. É uma mulher, se sentindo linda como é, enaltecendo o seu eu através de uma fotografia.

⁷ <https://www.instagram.com/p/CytARYwr0t4/?igshid=YjVjNjZkNmFjNg==>

FIGURA 2 – Riso, Largo, Riso



Fonte: Movimento Corpo Livre (2023)⁸

Essa imagem transmite a leveza que esta mulher sente sendo ela mesma, se sentindo bem em expor quem ela realmente é sem necessidade de mascarar o seu peso. Uma mulher de riso largo, que traz em suas mãos a parte principal da fotografia, a mensagem que deseja transmitir: “PARE DE SE ODIAR” que tem uma mulher gorda em sua capa. Quase um alerta que podemos interpretar como: Mulheres parem de se prender aos estereótipos estabelecidos por aí e sejam felizes como são! Se soltem, amem a si mesmas, sorriam largo e se joguem para a vida! O riso de quem se ama como é, respeita o corpo que tem e encoraja outras mulheres a fazerem o mesmo.

⁸ <https://www.instagram.com/p/Cx3EuTGLuxp/?igshid=YjVjNjZkNmFjNg==>

FIGURA 3 – Corpo de Praia



2.254 curtidas

movimentocorpolivre Corpos lindos, amados e REAIS 💕

Pra estar na próxima #GaleriaCorpoLivre, é só marcar a gente na sua foto e usar a #corpolivre na legenda, viu? Estamos sempre de olho! 💕👉

Fonte: “@movimentocorpolivre” (2023)⁹

Esta imagem se encontra em *post* carrossel, na imagem 3. A seleção desta imagem foi com base em uma fala muito presente nas mídias digitais, “estar no corpo do verão”, “corpo de praia” e associar ambas com um corpo esteticamente magro e que corresponda aos padrões promovidos pelos marketings comerciais com a padronização da beleza: magreza. Todos os corpos são corpos do verão e de praia. A página Movimento Corpo Livre trazer esta discussão nas mídias digitais, com o número de seguidores que ela tem é uma abertura para que haja diálogo entre o que é estabelecido por padrões e em como a realidade se diverge disto.

Mulheres devem se sentir bem em usar roupas de banho independentemente do tamanho que vistam, se sentirem bem ao postarem fotos de momentos felizes sem sofrerem retaliações por estarem mostrando seus corpos como realmente são. Essa construção se faz possível a partir do momento em que elas se veem nas publicações de outras mulheres se sentindo à vontade em expor seus corpos, e a página Movimento Corpo Livre abre espaço para esta visibilidade.

⁹ <https://www.instagram.com/p/CzRGIFzr1WD/?igshid=YjVjNjZkNmFjNg==>

A figura analisada abaixo faz parte do trabalho desenvolvido durante a vigência 2022- 2023 do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) da Universidade Federal do Tocantins – Campus de Porto Nacional. É a publicação que contém o desabafo de uma mulher que sofre com a gordofobia, e utilizou o espaço das mídias digitais para se expressar e de certa forma encontrar apoio.

FIGURA 4 – Desabafo X Gordofobia



Fonte: “@movimentocorpolivre” (2023)¹⁰

Trata-se de uma mulher norte americano, no *post* os administradores da página colocaram legendas traduzindo todo o conteúdo do vídeo em letras caixa alto, como forma de chamar atenção a seguinte explicação sobre o conteúdo. “Brooklyn Kennedy usou uma rede social para desabafar sobre o sentimento de que as pessoas só se interessam pelas outras por conta do tamanho do corpo. Ela continuou sua indignação, falando que esse tipo de amor é limitado, e que ela não sabe amar assim”. E ainda continuam com uma reflexão: “As palavras de Brooklyn refletem na vida de milhares de pessoas que não se

¹⁰ <https://www.instagram.com/p/CwGeGppudPu/?igshid=NzZhOTFlYzFmZQ==>

encaixam nos padrões estéticos da sociedade. Que o amor que ela acredita ecoe, ensinando que o corpo que você ama pode mudar, mas o coração será o mesmo!”.

QUADRO 1 – POSTAGENS SELECIONADAS

FIGURAS	COMENTÁRIOS
Figura 1	“Que alegria compor essa galeria tão linda!”; “Maravilhoso, entender q O CORPO ou UM CORPO é qualquer corpo, inclusive o de Homem, lindo ver pessoas q se escondiam por problemas de pele, hoje postar toda a delícia de SER”; “Ahhh mais que honra estar nessa galeria maravilhosa, com pessoas mais maravilhosas ainda! Obrigada @movimentocorpolivre é exatamente sobre isso! Sermos livres!”.
Figura 2	“Só gente gostosa nesse perfil amooooo ❤️”; “TRAAAAA! Trem da beleza passando pra começar a semana 🥰❤️”.
Figura 3	“Qdo vejo mulheres como as duas lindas do vídeo, penso como elas devem ser pessoas bacanas! Me passam uma sensação tão boa q me dá vontade d ser amiga delas! 🥰”; “Que honra!!!! Vcs me ajudaram e me ajudam tanto nesse processo! Só gratidão!!! 🥰🥰🥰”; “Não são corpos, são pessoas!”; “Doses de inspiração diária ❤️”; “O sol é para todos os corpos! Todo mundo gosta de sol na pele e não é justo que alguns tenham que esconder sua pele para não ferir sensibilidades. Todos os corpos são obras de Deus, então respeito ao que foi criado por ELE!”
Figura 4	“Essas pessoas são incríveis kkkkk querem ser amadas mas não querem fazer sacrifícios é um amor unilateral o outro tem que aceitar mas ela não tem disposição para mudar por esse teu amor que ela procura 😊.”; “Minha luta da vida toda: olhem pra o meu ❤️, se dê uma chance de me conhecer, não me julgue só pelo que eu sou por fora...Mas people don't care.”; “Meu lugar de fala é o que é magra e não se sente tão atraente porque não é "gostosa" (seios e bunda grande), além das comparações com relação ao cabelo e sorriso ”

Fonte: @movimentocorpolivre. FERREIRA, Ayrana. (2023).

Um comentário na postagem referente a Figura 4, de uma mulher que se identificou com a postagem e quis compartilhar o momento em que também sofreu com a gordofobia com o objetivo de emponderar mulheres gordas: “Minha família é extremamente gordofóbica. E ouvi diversas vezes da minha mãe que eu encontraria alguém que me amasse mesmo eu sendo gorda, como se isso trouxesse algum conforto. Bom, a real é que eu quero distância de quem me ama APESAR DE qualquer coisa, porra. Quem me ama, ama tudo em mim e me acha uma delícia. Esse negócio de amar apesar de, de falar que “não liga” pra corpo quando tá conhecendo alguém gordo, olha... Se não for pra me achar uma delícia da cabeça aos pés, pode vazar. Meu namorado é completamente apaixonado pelo meu corpo e mais apaixonado ainda por quem eu sou. É sobre isso. E ninguém deveria aceitar menos porque a solidão é menos cruel do que saber que alguém te quer APESAR DE”.

5 ENSINO DE HISTÓRIA E A GORDOFOBIA

Ressaltando a necessidade de medidas a serem tomadas diante deste cenário caótico de propagação do discurso de ódio, como os cientistas sociais e da área das ciências humanas – História – podem discutir tal tema e difundir projetos e iniciativas na área da educação voltados para essa queixa?

Instituído em 1998, o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) tem como característica principal de seus temas de redações a abordagem de temas com caráter social sempre referentes a realidade política da História do Brasil. Durante os últimos 24 anos de ENEM, apenas em três anos solicitaram aos participantes, redação com temas referentes ao abordado nessa pesquisa: em 2004 “Como garantir a liberdade de informação e evitar abusos nos meios de comunicação”; 2011 “Viver em rede no século XXI: os limites entre o público e o privado”; e em 2018 “Manipulação do comportamento do usuário pelo controle de dados na *Internet*”¹¹. É um tanto questionável que um assunto tão atual e relevante seja tão pouco discutido na área da educação.

A dificuldade na seleção de dados pertinentes para análise da pesquisa nas plataformas digitais pode proporcionar bons diálogos acadêmicos não só nos momentos de orientação, mas também nos momentos de extensão, que é onde a pesquisa tem a oportunidade de se mostrar promissora e necessária. Para nós, da área da licenciatura em História, utilizar as mídias sociais como objeto de pesquisa com objetivo acadêmico é algo novo, podendo dizer, inovador. Compartilhar a pesquisa e abrir caminhos ao que ainda estamos aprendendo a trabalhar como as mídias digitais de maneira eficiente é gratificante.

No que tange o cerne desta pesquisa, a página Movimento Corpo Livre, possibilita ao historiador fonte ímpar para tal trabalho em sala de aula. Imagens e relatos de pessoas famosas e não famosas sobre como a imagem estética e a gordofobia se fazem presentes em seus cotidianos.

Para nortear esta discussão ao que se refere educação e gordofobia a bibliografia de referência é a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que de acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB, Lei nº 9.394/ 1996) é a responsável por indicar o caminho curricular no qual as redes e sistemas de ensino de escola tanto públicas quanto privadas da Educação Infantil, Ensino Fundamental e Médio no Brasil.

¹¹ <https://blog.mackenzie.br/vestibular/atualidades/redacao-do-enem-veja-os-temas-ja-abordados/>

De acordo com as competências específicas de ciências humanas e sociais aplicadas para o ensino médio, descritos na BNCC nos itens 5 e 6 é possível identificar as justificativas específicas para que a gordofobia e o discurso de ódio sejam trabalhados como conteúdo na sala de aula.

Segue a baixo a premissa do item 5:

- a. Identificar e combater as diversas formas de injustiça, preconceito e violência, adotando princípios éticos, democráticos, inclusivos e solidários, e respeitando os direitos humanos (BRASIL, **Base Nacional Comum Curricular**, 2018).¹²

No item 6, encontramos elementos que endossam a justificativa para que tais temas sejam abordados em sala de aula e também permitem ampliar o diálogo no ambiente acadêmico com o objetivo na autonomia pedagógica por parte dos discentes.

Segue abaixo o que a BNCC nos diz no item 6 das competências específicas de ciências humanas e sociais aplicadas para o ensino médio:

- b. Participar do debate público de forma crítica, respeitando diferentes posições e fazendo escolhas alinhadas ao exercício da cidadania e ao seu projeto de vida, com liberdade, autonomia, consciência crítica e responsabilidade. (BRASIL, **Base Nacional Comum Curricular**, 2018).¹³

Aplicando as competências específicas citadas em sala de aula, destacam-se ainda as habilidades presentes no item 5. Todas elas possibilitam ao historiador um embasamento teórico a serem elencados em seu plano de aula e amparo legal para que sejam esmiuçados em sala de aula conteúdos tão sensíveis e de urgência.

Durante a leitura da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) pode-se destacar habilidades que atendem o exposto. Segue abaixo um quadro com estas habilidades elencadas para que se possa ter uma visão detalhada do que cada uma tem a contribuir:

¹² <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/abase/#medio/a-area-de-ciencias-humanas-e-sociais-aplicadas>

¹³ <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/abase/#medio/a-area-de-ciencias-humanas-e-sociais-aplicadas>

QUADRO 2 – HABILIDADES DA BNCC

EM13CHS501	Analisar os fundamentos da ética em diferentes culturas, tempos e espaços, identificando processos que contribuem para a formação de sujeitos éticos que valorizem a liberdade, a cooperação, a autonomia, o empreendedorismo, a convivência democrática e a solidariedade.
EM13CHS502	Analisar situações da vida cotidiana, estilos de vida, valores, condutas etc., desnaturalizando e problematizando formas de desigualdade, preconceito, intolerância e discriminação, e identificar ações que promovam os Direitos Humanos, a solidariedade e o respeito às diferenças e às liberdades individuais.
EM13CHS503	Identificar diversas formas de violência (física, simbólica, psicológica etc.), suas principais vítimas, suas causas sociais, psicológicas e afetivas, seus significados e usos políticos, sociais e culturais, discutindo e avaliando mecanismos para combatê-las, com base em argumentos éticos.
EM13CHS504	Analisar e avaliar os impasses ético-políticos decorrentes das transformações culturais, sociais, históricas, científicas e tecnológicas no mundo contemporâneo e seus desdobramentos nas atitudes e nos valores de indivíduos, grupos sociais, sociedades e culturas.

Fonte: (BRASIL, **Base Nacional Comum Curricular**, 2018)¹⁴. Autora: FERREIRA, Ayrana (2023).

Com base no exposto, podemos entender que a necessidade de diálogo entre o ambiente educacional e as mídias digitais é uma relação possível e diante do atual cenário social e midiático no qual nossa sociedade se encontra é de urgência. Cabe aos educadores humanísticos e sociais o aperfeiçoamento nas práticas docentes para que o ensino das unidades educacionais não fique restrito apenas ao conteúdo decoreba, mas que o que for compreendido em sala de aula se reverbere de formas positivas também nas práticas cotidianas do discente.

¹⁴ <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/abase/#medio/ciencias-humanas-e-sociais-aplicadas-no-ensino-medio-competencias-especificas-e-habilidades>

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presença das mídias digitais cada vez mais imponentes no cotidiano da sociedade, as questões rotineiras são inseridas nos discursos das mídias digitais. É recente a utilização da netnografia para pesquisas científicas e a oportunidade de trazer a problemática do discurso de ódio nas mídias digitais enquanto acadêmica da graduação em História abre espaços e denota que o este debate não está restrito apenas ao ambiente jurídico, mas que a sua análise é presente na historiografia.

Diante disso, e durante esta pesquisa, analisei o contexto histórico da construção do discurso e como ele se reverbera na sociedade como um todo. As imagens coletadas durante o processo de pesquisa, contendo relato de vítimas da gordofobia e também imagens que fortalecem o discurso de empoderamento de corpos gordos.

Conscientização é a chave para que cientistas sociais e da área das ciências humanas – História – possam começar a inserir na sua docência e desenvolvimento de projetos voltados para o discurso de ódio. O diálogo no âmbito educacional abrange o *bullying*, mas pouco se fala sobre as consequências judiciais diante de tal crime. É fundamental que os ambientes acadêmicos discutam a forma como esse discurso de ódio ocorre, na tentativa de criar barreiras e se caso não for eficiente que a legislação brasileira dá este amparo legal.

A proposta deste artigo é a promoção da democratização a discussão sobre o discurso de ódio nas redes, e também em como a educação é o ponto de partida para combater os discursos gordofóbicos com ações afirmativas e desenvolvimento de projetos voltado principalmente para os alunos do Ensino Médio.

A docência voltada para a área da História tem infinitas possibilidades para ser explorada e trabalhada em sala de aula, a forma como os discursos de ódio acontecem e fortalecendo a identidade de seus alunos, empoderando quem são. O uso de charges, e até mesmo o uso das redes sociais assim como realizado neste trabalho para contextualizar os alunos com situações que são do cotidiano deles.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Lei nº 12.965, de 23 de abril de 2014. **Estabelece princípios, garantias, direitos e deveres para o uso da internet no Brasil.** Brasília: Diário Oficial da União, 2014. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2014/lei/112965.htm. Acesso em: 14 set. 2023.

BRASIL. Lei nº 7.716, de 5 de janeiro de 1989. **Define os crimes resultantes de preconceito de raça ou de cor.** Brasília: Diário Oficial da União, v. 7, 1989. Disponível em:

[https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/17716.htm#:~:text=LEI%20N%C2%BA%207.716%2C%20DE%205%20DE%20JANEIRO%20DE%201989.&text=Define%20os%20crimes%20resultantes%20de,de%20ra%C3%A7a%20ou%20de%20cor.&text=Art.%202%C2%BA%20\(Vetado\)](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/17716.htm#:~:text=LEI%20N%C2%BA%207.716%2C%20DE%205%20DE%20JANEIRO%20DE%201989.&text=Define%20os%20crimes%20resultantes%20de,de%20ra%C3%A7a%20ou%20de%20cor.&text=Art.%202%C2%BA%20(Vetado)). Acesso em: 14 set. 2023.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular.** Brasília: Mec, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/abase/>. Acesso em: 05 de nov. 2023.

BRUGGER, W. **Proibição ou Proteção do Discurso do Ódio? Algumas Observações sobre o Direito Alemão e o Americano.** Direito Público, [S. l.], v. 4, n. 15, 2010. Disponível em: <https://www.portaldeperiodicos.idp.edu.br/direitopublico/article/view/1418>. Acesso em: 14 set. 2023.

COSTA JÚNIOR, J. F. **A importância da educação como ferramenta para enfrentar os desafios da sociedade da informação e do conhecimento.** Convergências: estudos em Humanidades Digitais, [S. l.], v. 1, n. 01, p. 127–144, 2023. DOI: 10.59616/conehd.v1i01.97. Disponível em: <https://periodicos.ifg.edu.br/cehd/article/view/97>. Acesso em: 14 set. 2023.

FOUCAULT, M. . **História da sexualidade I: a vontade de saber.** Tradução: Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

FOUCAULT, M. . **Microfísica do poder.** Tradução: Roberto Machado. 25. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2008.

GARCIA, M.; VIDICA, L.; BRITO, L.. **Gordofobia não é “mimimi”, é preconceito institucionalizado, diz pesquisadora.** CNN BRASIL, 2022. Disponível: <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/gordofobia-nao-e-mimimi-e-preconceito-institucionalizado-diz-pesquisadora/#:~:text=Gordofobia%20n%C3%A3o%20%C3%A9%20E2%80%9Cmimimi%20E2%80%9D%20%C3%A9%20preconceito%20institucionalizado%20diz%20pesquisadora,-%20CNN%20R%C3%A1dio&text=A%20gordofobia%20%C3%A9%20um%20termo,ativista%20e%20jornalista%20Agnes%20Arruda..> Acessado: 17 março de 2022.

GIORGI, G.; RODRÍGUEZ, F. . Prólogo. In: FOUCAULT, M.; DELEUZE, G.; ZIZEK, S. **Ensayos sobre biopolítica: excessos de vida**. Buenos Aires: Paidós, 2007, p. 9-34.

GIROUX, A.. **Os professores como intelectuais: rumo a uma pedagogia crítica da aprendizagem**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

KOZINETS, R. V. . **Netnografia: Realizando Pesquisa Etnográfica Online**. 1º ed. Porto Alegre: Penso, 2014.

LEMOS, A. P. S.; OLIVEIRA, J. H. C.; MEIHY, J. C. S. ARTE E OBESIDADE: Tempos estéticos do corpo feminino. **Almanaque multidisciplinar de pesquisa**, v. 1, p. 139–153, 2015. Disponível em: <https://publicacoes.unigranrio.edu.br/index.php/amp/article/view/3128/1535>. Acesso em: 04 de nov. 2023.

MATTOS, S. A. S. **Revolução digital e os desafios da comunicação**. Cruz das Almas: EDUFRB, 2013.

MOURA, M. A.. **O Discurso do ódio em Redes Sociais**. São Paulo: Lura Editorial, 2016.

MACHADO, V.R.P.; DIAS, J.A.; FERRER, W.M.H. . **Biopolítica e novas tecnologias: o discurso do ódio na Internet como mecanismo de controle social**. Revista de Informação Legislativa: RIL, v. 55, n. 220, p. 29-51, 2018. Acesso em: 14 set. 2023.

MOVIMENTO CORPO LIVRE. Instagram¹⁵, 2023. Disponível em: <https://www.instagram.com/movimentocorpolive/?igshid=NzZhOTFIYzFmZQ%3D%3D>. Acesso em: 13 de setembro de 2023.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **Declaração Universal dos Direitos Humanos, 1948**. Disponível em: <<https://www.unicef.org/brazil/declaracao-universal-dos-direitos-humanos>>. Acesso em: 14 set. 2023.

PERRONE, C. M. ; PFITSCHER, M. A. . **Discurso de ódio na internet: algumas questões**. REDISCO - Revista Eletrônica de Estudos do Discurso e do Corpo , v. 10, n. 2, p. 146-154, 2016.

POLIVANOV, B. B. **Etnografia virtual, netnografia ou apenas etnografia? Implicações dos conceitos**. Esferas, v. 1, n. 3, 16 jul. 2014. Disponível em: <https://portalrevistas.ucb.br/index.php/esf/article/view/4621>. Acesso em: 3 nov. 2023.

POTIGUAR, A. L. . **Discurso do ódio no Estado Democrático de Direito: o uso da liberdade de expressão como forma de violência**. 2015. 196 f. Tese (Doutorado em Direito)-Universidade de Brasília, Brasília, 2015. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/20702?locale=en>. Acesso em: 14 set. 2023.

Relatório Global de Liberdade de Expressão (2020-2021). **Artigo19**. Disponível em: <<https://artigo19.org/2021/07/29/relatorio-global-de-liberdade-de-expressao-2020-2021/>>. Acesso em: 14 set. 2023.

ROCHA, P. J.; MONTARDO, S. P. **Netnografia: incursões metodológicas na cibercultura**. E-Compós, [S. l.], v. 4, 2005. DOI: 10.30962/ec.55. Disponível em: <https://www.e-compos.org.br/e-compos/article/view/55>. Acesso em: 3 nov. 2023.

SCHÄFER, G.; LEIVAS, P. G. C.; SANTOS, R. H.. **Discurso de ódio: da abordagem conceitual ao discurso parlamentar**. Revista de informação legislativa: RIL, v. 52, n. 207, p. 143-158, 2015. Disponível em: https://www12.senado.leg.br/ril/edicoes/52/207/ril_v52_n207_p143. Acesso em: 14 set. 2023.

SERVA, F. M.; DIAS, J. A. . **Responsabilidade social nas instituições de ensino superior: entre o biopoder e a biopolítica**. Revista Argumentum, Marília, v. 17, p. 413-433, 2016. Acesso em: 14 set. 2023.

SENA, M. R. **A ilegitimidade do discurso do ódio como expressão por líderes religiosos**. Convergências: estudos em Humanidades Digitais, [S. l.], v. 1, n. 01, p. 196–212, 2023. DOI: 10.59616/conehd.v1i01.88. Disponível em: <https://periodicos.ifg.edu.br/cehd/article/view/88>. Acesso em: 14 set. 2023.

SILVA, S. A.. **Desvelando a Netnografia: um guia teórico e prático**. Intercom: Revista Brasileira de Ciências da Comunicação, v. 38, n. 2, p. 339–342, jul. 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/interc/a/bbtrxdV3v8bwyFwsMxKGVvg/?lang=pt>. Acesso em: 3 nov. 2023.